

Anexos

Anexo 1 – Lista dos sítios com cetárias, locais com vestígios de produção de azeite e vinho e sítios onde se produziram ânforas no território algarvio

Anexo 2 - Principais conjuntos anfóricos considerados na análise das ânforas de Faro, Balsa e Castro Marim

Anexo 3 – Descrição dos fabricos das ânforas de Faro, Balsa e Castro Marim

Anexo 4 - Descrição dos fabricos de cerâmica campaniense

Anexo 1 – Lista dos sítios com cetárias, locais com vestígios de produção de azeite e vinho e sítios onde se produziram ânforas no território algarvio (Figura 79)

1. Cetárias

A listagem dos sítios onde se produziram preparados piscícolas na costa algarvia teve por base as referências sistematizadas por diversos autores que se têm debruçado sobre o tema (Veiga, 1910; Figueiredo, 1906; Santos, 1971, 1972; Alarcão, 1988a) seguindo de perto e atualizando a informação reunida em 1994 por C. Fabião (1994b).

Sítio	Características	Cronologia	Referências Bibliográficas
1-Beliche	Uma cetária	--	Veiga, 1910, p. 210; Santos, 1971, p. 69; Alarcão 1988a, 7/159
2-Ihéu da Baleeira	Uma cetária	--	Santos, 1971, p. 69; Alarcão, 1988a, 7/161.
3-Salema	Cetárias	--	Veiga, 1910, p. 211; Santos, 1971, p. 77; Alarcão, 1988a, 7/131.
4-Boca do Rio	Várias cetárias de tamanho regular dispostas em duas fileiras	Séc. I - IV / V.	Veiga, 1910, p. 212; Figueiredo, 1906, p. 113-114, Santos, 1971, p. 78-106; Alarcão, 1988a, 7/132.
5-Burgau	Cetárias	Séc. ? -IV	Veiga, 1910, p. 218; Santos, 1971, p. 107; Alarcão, 1988a, 7/143.
6-Senhora da Luz	Alinhamento de tanques	Séc. I - IV.	Veiga, 1910, p. 220; Santos, 1971, p. 108; Alarcão, 1988a, 7/141.
7-Lagos – “Bon vivant”	Notícia de tanques	--	Ramos e Almeida, 2005; Ramos, 2008.
7-Lagos R. Silva Lopes	Unidade	Séc. I-VI	Ramos e Almeida, 2005; Ramos, Almeida e Laço, 2006, p. 83-100.
7 – Lagos (Rua 25 Abril)		Séc. IV	Ramos, 2008, p. 87-98.
7 - Monte Molião (Lagos)	Cetárias	Séc. I – II	Bargão, 2008, p. 169-189.
7 – Meia praia (Lagos)	Cetárias	--	A confirmar
8-Vau / Alvor (Portimão)	Série de 15 tanques	--	Figueiredo, 1906, p. 112, Fig. 2, p. 115; Veiga, 1910, p. 226-227; Santos, 1971, p. 124-125, fig. 24; Alarcão, 1988a, 7/11.
9-Portimões (Portimão)	Série de tanques	Séc. I (?) - III-IV	Veiga, 1891, p. 569-570, Veiga, 1910, planta nº 2; Figueiredo, 1906, p. 116, Fig. 3; Santos, 1971, p. 133; Alarcão, 1988a, 7/117 e 7/146.
10-Baralha (Portimão)	Cetárias	--	Marques <i>et al.</i> , 1992, p. 47; Fabião 1994.
11-Ferragudo (Portimão)	“estabelecimento de salga de peixe”	Séc. I (?)	Santos, 1971, p. 135; Alarcão, 1988a, 7/147.
12-Armação de Pêra (Silves)	“tanques romanos de salga de peixe”	--	Santos, 1971, p. 141; Alarcão, 1988a, 7/152.
13-Cerro da Vila	Dois tanques	Séc. I ou II (?)	Santos, 1971, p. 142; Alarcão, 1988a, 8/298.
14-Quarteira	“estabelecimento de salga”	Séc. I aC ?	Veiga, 1910, p. 233; Santos, 1971, p. 149; Alarcão, 1988a, 8/299.

15-Loulé Velho (Loulé)	"estabelecimento de salga"	Séc. I a.C - IV	Paço e Farrajota, 1966, p. 75-76; Santos, 1971, p. 151-152, fig. 56-61; Alarcão, 1988a, 8/300.
16-Quinta do Lago (Loulé)	Fila com 5 tanques	Séc. m. I- V	Arruda e Fabião, 1990, p. 199-213, fig. 57.
17-Faro (Av. da República)	"Três tanques de salga"	--	Rosa, 1984, p. 153; Alarcão 1988a, 8/322.
18 – Olhão	Série de tanques nas docas	--	Iría, 1950, p. 726-728; Santos, 1971, 215-216, fig. 78-79; Alarcão 1988a, 8/323.
19 - Quinta de Marim (Olhão)	Cetárias	Séc. I-V	Alarcão 1988a, 8/311; Silva, Soares e Coelho-Soares, 1992, p. 335-374.
Pedras d'el Rei	Tanque		A confirmar
20 – Balsa (Quinta das Antas)	Estácio	Séc. I-V	Figueiredo, 1906, p. 118, fig. 5, Santos, 1971, p. 288-290, fig. 115-116.
20- Balsa (Quinta de Torre de Ares)	Unidade com planta em U com, pelo menos 9 cetárias.	Séc. ? – V-VI ?	Maia e Maia, 1978; Alarcão, 1988a, 8/319.
21-Quinta do Muro (Vila Real de Santo António).	4 tanques e outros na praia.	Séc. I-II ?	Figueiredo, 1906, p. 119-120, fig. 6; Santos, 1971, p. 309; Alarcão 1988a, 8/281.
22-Cacela	--	--	Alarcão, 1988a, 8/382.

2. Sítios onde se produziram ânforas

Sítio	Características	Cronologia	Referências Bibliográficas
1 - Martinhal (Sagres)	Fornos, produção de ânforas Almagro 50, Almagro 51c e Almagro 51 a-b.	Séc. IV-V	Silva, C. T., Soares, J. e Correia, V. (1990), p. 225-246; Alarcão, 1988a, 7/160; Fabião, 2004a, p. 397.
2 - Quinta do Lago (Loulé)	Produção de ânforas Almagro 50 e Almagro 51c.	Séc. III-V	Arruda e Fabião, 1990, p. 199-213; Fabião, 2004a, p. 399.
3 - S. João da Venda (Loulé)	Produção de ânforas Almagro 51 a-b	Séc. III-V	Fabião e Arruda 1990, p. 215-224; Alarcão, 1988a, 8/305; Fabião, 2004a, p. 399.
4 - Manta Rota (Vila Real de Sto António)	Dressel 14 e possivelmente Almagro 51c.	m. séc. I – séc. V	Vasconcelos, 1920, p. 214-237; Fabião, 2004; Viegas, 2006b, p. 177-196; Alarcão, 1988a, 8/296; Fabião, 2004a, p. 400.
5 - S. Bartolomeu de Castro Marim	Forno. Produção de Dressel 14 e Almagro 51c.	m. séc. I – séc. V	Vasconcelos, 1898; Maia, 1979; Alves, Diogo e Reiner, 1990; Alarcão, 1988a, 8/292; Fabião, 2004a, p. 400.

3. Locais com vestígios de produção de azeite e vinho

Listagem realizada a partir das informações contidas no Roman Portugal (Alarcão, 1988a) e sistematizadas e completadas pelos trabalhos de síntese de J.-P. Brun (1997) e A. Carvalho (1999) com a necessária actualização bibliográfica sobre locais que foram posteriormente identificados.

Sítio	Características	Cronologia	Referências Bibliográficas
1 - Fonte Velha (Bensafrim Lagos)	Um lagar	--	Alarcão, 1988a, 7/90; Carvalho, 1999, nº 4, p. 370.
2 - Abicada	Contrapesos ou prensas	Baixo Império	Alarcão 1988a, 7/107 Brun, 1997, p. 65,
3 - Vidigal (Mexilhoeira Grande, Portimão)	Lagar escavado na rocha	Baixo Império	Santos, 1971, p. 315; Alarcão, 1988a, 7/98; Carvalho, 1999, nº 5, p. 370.
4 - Vale do Marinho (Mexilhoeira Grande, Portimão)	Lagar escavado na rocha de cronologia duvidosa	Baixo Império	Alarcão, 1988a, 7/102; Carvalho, 1999, nº 6, p. 370.
5 - Milreu	Instalação vitícola prensa e cubas de recolha /lagar de vinho	Baixo Império	Alarcão, 1988a, 8/304; Hauschild, 1984; Carvalho, 1999, p. 170; Teichner, 2008.
5 - Milreu	Azeite	--	Teichner, 2003, p. 103-114; Teichner, 2008.
6 - S. João da Venda (Loulé)	Lagar e <i>cella vinaria</i>	--	Rocha, 1894; Santos, 1972, p. 167; Alarcão, 1988, 8/35; Carvalho, 1999, nº12, p. 370.
7 - Loulé Velho (Quarteira, Loulé)	Um peso de lagar	--	Alarcão 1988a, 8/300; Carvalho, 1999, nº 32, p. 382.
8 - Quinta de Marim	Três dolia encastrados no pavimento	Baixo Império	Rocha, 1895; Santos 1972, p. 264-265.
9 - Dona Menga (Luz, Tavira)	Mó de lagar	--	Alarcão 1988, 8/314; Carvalho, 1999, nº 33, p. 382.

Anexo 2 - Principais conjuntos anfóricos considerados na análise das ânforas de Faro, Balsa e Castro Marim

Nas tabelas que se seguem procurou-se reunir a informação sobre conjuntos de ânforas identificados no território português. Trata-se de conjuntos muito desiguais do ponto de vista quantitativo e qualitativo, recuperados em sítios com funcionalidades muito diferentes, estando representados conjuntos provenientes de extensas escavações, mas também os recolhidos no âmbito de prospecções de superfície ou de dragagens do Rio Arade. Apesar do carácter desigual da informação de base, estes dados permitem também salientar a relevância dos conjuntos que se apresentam neste estudo, originários dos núcleos urbanos algarvios de Faro, Balsa e Castro Marim. Procurou-se uma uniformização, tanto quanto possível, dos critérios de quantificação das ânforas, tendo-se optado pelo NMI (Nº Mínimo de Indivíduos) calculado a partir do nº de bordos.

Sítio	Total ânforas (NMI)
Faro	449
Balsa	246
Castro Marim	844
1. Foz do Arade, dragagens	256
2. Vilares de Alfundão (Ferreira do Alentejo), villa	60
3. Miróbriga, (Santiago do Cacém), cidade	62
4. Sines, cetárias	68
5. Tróia	196
6. Monte da Cegonha (Beja) , villa	175
7. S. Cucufate, villa	1130
8. Tourega, Évora, villa	127
9. Povos ,Vila Franca de Xira – villa	65
10. Lisboa (Rua dos Correios)	65
11. Quinta das Longas, Elvas , villa	22
12. Vila Cardílio (Torres Novas)	186
14. Conímbriga	204
15. <i>Bracara Augusta</i>	1457

1. Foz do Arade, segundo , Silva, Coelho-Soares e Soares, 1987 e Diogo, Cardoso Reiner, 2000.

	Forma	Silva, Coelho-Soares e Soares, 1987	Diogo, Cardoso e Reiner, 2000	Total	%
República	Dressel 1 (Ital.)	3	2	5	
	Lamb. 2 (Ital.)	0	1	1	
	D de Pellicer (Ult.)	1	0	1	
	E de Pellicer (Ult.)		1	1	
	Mañá C2 (Ult.)	8	10	18	
	Total			26	
Alto Império	Dressel 2-4 (Ital.)	1	2	3	2.7
	Haltern 70 (Bét.)	1	2	3	2.7
	Dressel 7/11 (Bét.)	5	10	15	13.3
	Beltrán II (Bét.)	14	7	21	18.7
	Beltrán IV (Lusit.)	18	2	20	17.9

	Beltrán V		3	3	2.7
	Dressel 20 (Bét.)	2	0	2	1.8
	Lusitana 2 (Lusit.)	0	6	6	5.4
	Lusitana 3 (Lusit.)	0	1	1	0.9
	Lusitana 4 (Lusit.)	0	10	10	8.9
	Lusitana 5b (Lusit.)	0	15	15	13.3
	Lusitana 6a (Lusit.)	0	3	3	2.7
	Lusitana 8 (Lusit.)	0	3	3	2.7
	Lusitana 11 (Lusit.)	0	4	4	3.6
	Gauloise 4 (Gália)	0	3	3	2.7
	Total			112	100
Baixo Império	Almagro 50 (Bética)	32	0	32	27.1
	Almagro 51c (Lusit.)	50	0	50	42.5
	Beltrán 56 Africana Grande	20	0	20	16.9
	Keay III (N.Afric.)	0	2	2	1.7
	Keay V (N.Afric.)	0	9	9	7.6
	Keay VI (N.Afric.)	0	2	2	1.7
	Keay XXV (N.Afric.)	0	3	3	2.5
	Total			118	100
	Total			256	

2. Vilares de Alfundão (Ferreira do Alentejo), segundo Norton *et al.*, (1993-1994) (bordos) provenientes de prospecção.

	Nº
Dressel 14b	45
Almagro 50	4
Almagro 51c	21
Total	60
Indeterm.	2

3. Miróbriga, segundo A. D. Diogo (1999, p. 15-27).

Tipo	Nº	%
Dressel 20 (Bét.)	5	7.9
Gauloise 4 (Gál.)	1	1.6
Lusit. 2 (Lusit.)	8	12.7
Lusit. 3 (Lusit.)	5	7.9
Lusit. 4 (Lusit.)	14	22.2
Lusit. 5 a e b (Lusit.)	9	14.3
Lusit. 6 (Lusit.)	12	19
Lusit. 7 (Lusit.)	1	1.6
Lusit. 13 (Lusit.)	3	4.8
Lusit. 14 (Lusit.)	1	1.6
Keay XXV (N.Afric.)	1	1.6
Keay XXXVI (N.Afric.)	1	1.6
Keay XLI (N. Afric.)	1	1.6
Total	62	100

4. Sines, segundo A. D. Diogo (1999, p. 15-27)

Tipo	Nº	%
Mañá C2 (Ulter.)	5	
Dressel 1 (Ital.)	1	
Dressel 2/4 (Ital.)	1	
Brindisi (Ital.)	1	
	8	
Dressel 7/11 (Beltrán I) (Bét.)	1	1.7
Dressel 14 (Beltrán IV) (Bét.)	1	1.7
Dressel 20 (Bét.)	3	5
Gauloise 4 (Gál.)	1	1.7
Lusit. 2 (Lusit.)	20	33.2
Lusit. 3 (Lusit.)	16	26.6
Lusit. 4 (Lusit.)	12	20
Lusit. 5 b (Lusit.)	4	6.7
Lusit. 6 (Lusit.)	1	1.7
Keay LXII (N.Afric.)	1	1.7
Total		
	68	100

5. Tróia, segundo Diogo e Trindade (1998, p. 187-220)(AEAE = Associação de estudos arqueológicos e etnológicos. Não é absolutamente certo que seja material de Tróia).

	AEAE	Recolha 1983 CMG	Recolhas sistemát. 90-95	Recolhas subaq. 1972-MNA 1984-85 CMG	Total Diogo e Trindade 1998
Greco-italica (Ital.)	1				1
Dressel 1 (Ital.)	1				1
Mañá C2 (Dressel 18)	1				1
Dressel 2-4 (Ital.)			1	1	2
Dressel 7/11 (lusit)			1		1
Lusitana 2 (Lusit.)	1	2	151	1	155
Lusitana 3				1	1
Lusitana 4 (Lusit.)		1	7	1	9
Lusit 5 a e b		3	5	1	9
Lusit 6 a e b			3		3
Lusit 8			2		2
Lusit 10			2		2
Lusit 11			2	1	3
Lusitana 12				14	14
Beltrán I (Bét.)	4	1	2		7
Beltrán II (Bét.)	1	1	1	6	9
Beltrán IV (Bét.)			1		1
Haltern 70 (Bét.)	1		1		2
Dressel 20	2	3	14	2	21
Gauloise 4 (Gál.)	1			1	2
Dressel 23			1		1
Tejarillo I				1	1
Keay III				1	1
Keay V (N. Afric)		1		1	2
Keay VII				1	1
Keay XXV				1	1
			196		

6. Monte da Cegonha (Pinto e Lopes 2006, p. 204, Fig. 4)

Tipo	NMI	%
Haltern 70 (Bét.)	37	32.5
Dressel 20 (Bét.)	24	21.1
Beltrán IIA (Bét.)	1	0.9
Beltrán IIB (Bét.)	5	4.4
Dressel 7/11 (Bét.)	13	11.4
Dressel 14 (Lusit.)	34	29.7
Total	114	100
Almagro 50 /Keay 16 (Bét.)	4	6.6
Sado 1 (Lusit.)	2	4.9
Almagro 51c (Lusit)	40	65.6
Almagro 51a-b (Lusit)	2	3.3
Lusit 9/Sado 2 (Lusit)	6	9.8
Africana II/Keay VI e VII (N.Afric)	2	3.3
Keay 35 B (N.Afric)	1	1.6
Late Roman Amphora 1 (Medit.Orient)	1	1.6
Total	175	100

7. S. Cucufate, segundo Alarcão, Étienne e Mayet (1990, p. 251-255; Mayet Schmitt, 1997, p. 72 – p. 92) e introdução do tipo Lusitana 9/Sado 2 segundo Pinto e Lopes (2006, p. 197-224)

	Tipo	NMI	%
Alto Império	Haltern 70 (Bét)	2	0.4
	Dressel 2/4 (Bét)	3	0.6
	Dressel 7/11 e Beltrán IIB (Bét)	88	17.6
	Dressel 14 (Lusit)	365	73
	Dressel 20 (Bét)	42	8.4
	Total	500	100
Baixo império	Almagro 50 e Beltrán 72 (Lusit)	33	5.2
	Almagro 51a-b (Lusit)	2	0.3
	Almagro 51c (Lusit)	505	80.2
	Lusitana 9/ Sado 2 (Lusit)	86	13.7
	Africana II (N.Afric)	2	0.3
	Keay LXXVIII (N.Afric)	2	0.3
	Total	630	100

8. Tourega, segundo Pinto, Viegas e Dias, (2004, p.) e Pinto e Lopes, (2006(p. 213, Fig. 13)

Tipo	NMI	%
Dressel 20 (Bét.)	1	3
Beltran IIB (Bét.)	2	6.1
Dressel 14 (Lusit.)	30	90.9
Total	33	100
Almagro 50 /Keay 22 (Lusit.)	6	6.7
Almagro 51c (Lusit.)	81	91.1
Almagro 51a-b (Lusit.)	2	2.2
	89	100
Indeterminada	5	
Total	127	

9. Villa romana de Povos (Vila Franca de Xira) (Banha, 1991-92, p. 49-90).

Tipo	NMI
Dressel 2-4 (Itálica)	1
Haltern 70 fundo (Bética)	1
Gauloise 5 (Gália)	1
Dressel 14 lusitanas	18
Dressel 14 béticas	1
Dressel 20 bética	6
Dressel 23 bética	1
Almagro 50	5
Almagro 51c	30
Keay 32 classe 35 (?) (Norte de África)	1
Total	65

10. Lisboa, ânforas béticas da Rua dos Correiros, segundo Sabrosa e Bugalhão, (2004, p. 571-586). Segundo os autores no total dos fragmentos de de ânforas, 80 % foram produzidas na Lusitânia e béticas são 14% (Sabrosa e Bugalhão, 2004, p. 572).

Tipo	Nº
Dressel 2-4 (Ital.)	1
Haltern 70 (Bét.)	6
Dressel 7/11 (Bét.)	5
Beltrán II A (Bét.)	6
Beltrán II B (Bét.)	2
Dressel 20 (Bét.)	17
Dressel 23 (Bét.)	2
Almagro 50 (Bét.)	26
Total	65

11. Villa romana da Quinta das Longas, segundo Almeida e Carvalho (1998, p. 137-163)

Tipo	NMI
Beltrán IIB (Bét.)	1
Dressel 20 (Bét.)	1
Dressel 14 (Lusit.)	4
Almagro 51c (Lusit.)	14
Indeterminadas	2
Total	22

12. Vila Cardílio (Torres Novas), segundo Diogo e Monteiro, 1999, p. 201-214

Tipo	Nº	%
Dressel 2/4 (Ital.)	2	1.1
Haltern 70 (Bét.)	4	2.2
Beltrán I (Bét.)	4	2.2
Beltrán II (Bét.)	1	0.6
Lusitana 2 (Lusit.)	14	7.8
Lusitana 3 (Lusit.)	130	71.9
Lusitana 4 (Lusit.)	12	6.7
Lusitana 5b (Lusit.)	2	1.1
Lusitana 13 (Lusit.)	2	0.2
Lusitana 14 (Lusit.)	2	1.1
Dressel 20 (Bét.)	9	5.1
Total	181	100
Almagro 51c (Bét.)	1	
Dressel 23	2	
Keay IV	1	
Keay V	1	
	5	
Total	186	

13. Ânforas de Conímbriga, segundo Alarcão (1976, p. 79 – 91; Buraca, 2005)

Forma	Escav. Luso-Francesas	Catalogadas Alarcão	Escav. Antigas Buraca 2005	Total NMI	%
Greco-italica (Ital.)	1	0	0	1	
Dressel 1 (Ital.)	8	5	0	13	
Classe 67 (Bét)	1	0	0	1	
Mañá C2 (Ult.)	0	2	0	2	
Total				17	
Dressel 2-4 (Bét)	5	1	0	6	4.7
Dressel 28 (Bét.)	1	1	0	2	1.6
Ródia (Med.Orient.)	1	0	0	1	0.8
Laietana (Tarrac.)	0	0	1	1	0.8
Dressel 1 ou 7/11 (Bét.)	0	1	1	2	1.6
Dressel 7/11 (Bét.)	21	7	4	32	24.9
Beltrán IIA (Bét.)	1	0	0	1	0.8
Beltrán IIB (Bét.)	1	1	0	2	1.6
Lusitana 12 (Lusit.)	7	3	0	10	7.8
Dressel 14 (Lusit.)	19	4	6	29	22.6
Ovoide lusit (Lusit.)	1	0	0	1	0.8
Tripolitana 1 (N. Afric)	1	0	0	1	0.8
Haltern 70 (Bét.)	22	7	3	32	24.9
Dressel 20 (Bét.)	2	0	2	4	3.1
Gauloise 4 (Gál.)	1	0	1	2	1.6
Richborough 527 (Ital.)	0	1	1	2	1.6
Total				128	100
Almagro 50 (Bét.)	0	0	1	1	1.7
Beltrán 72 (Bét.)	0	1	2	3	5.1
Almagro 50 (Lusit.)	15	0	4	19	32.2
Almagro 51c (Lusit.)	12	3	4	19	32.2
Lusitana 3 (Lusit.)	10	0	1	11	18.6
Dressel 23 (Bét.)	2	0	1	3	5.1
LRA1 (Med.Orient.)	0	1	0	1	1.7
Keay 21 (N. Afric.)	1	0	0	1	1.7
Keay 62 (N.Afric)	1	0	0	1	1.7
Total				59	100
Total				204	
Indeterminada	8	2	3	13	

14. Bracara Augusta, segundo R. Morais, (2006, p. 295-312)

Ânforas	Quantidade	%
Vinárias	143	9.81
Piscícolas	272	18.67
Oleícolas	29	1.99
Indeterminadas	11	0.75
Regionais / locais	69	4.74
Haltern 70	933	64.04
total	1457	100,00

	NMI	% total	% por período
Dressel 7/11 bética	70	25.74	28.5
Dressel 7/11 ? lusitana	1	0.37	0.4
Beltrán IIA bética	1	0.37	0.4
Beltrán IIB bética	8	2.94	3.3
Puerto Real	2	0.74	0.8
Dressel 14 Bética	17	6.25	6.9
Dressel 14 var A (lusitana)	50	18.38	20.3
Dressel 14 var B Lusit	70	25.74	28.5
Dressel 14 var C Lusit	7	2.57	2.8
Dressel 14 tardia lusit	2	0.74	0.8
Dressel 14 var. ind lusit	18	6.62	7.3
	246	90.46	100
Almagro 51c Bética	4	1.47	

Almagro 51c Lusitana	10	3.68	
Almagro 50/Keay XVI var. A	2	0.74	
Almagro 50/Keay XVI var. C	1	0.37	
Almagro 50/Keay XXII	7	2.57	
Beltrán 72 var. B	2	0.74	
	26		
Total	272		

Anexo 3 – Descrição dos fabricos das ânforas de Faro, Balsa e Castro Marim

Fabricos Itálicos

Incluiu-se no fabrico **ital1** o conjunto de peças com argilas típicas da costa tirrénica da região do Lácio e Campânia com as características areias negras, presente em diversas peças greco-itálicas e Dressel 1 ou Dressel 2-4. Idêntica às descritas por Peacock e Williams para os exemplares das classes 2 a 5 (1986, p. p. 84-92) e para a Pasta GitB-Dr1B (Marquéz Villora e Molina Vidal, 2005, p. 106).

O fabrico **ital2** possui características idênticas ao anterior mas sem areias negras, e com maior quantidade de nódulos de ferro, apresentando-se igualmente mais compacto. Este fabrico encontra-se em exemplares do tipo greco-itálica em que a pasta possui uma tonalidade alaranjada, compacta e com abundantes inclusões de dimensões reduzidas. Entre as inclusões observam-se pontos de calcite e nódulos de ferro castanhos escuros (um deles com 4 mm embora habitualmente sejam de reduzida dimensão), além de abundantes areias (quartzo subrolado). Pouco se conservou do engobe na superfície externa, mas a sua presença em duas manchas na superfície interna do bordo, permite identificar a sua coloração bege esbranquiçada.

O fabrico **ital3** corresponde às produções habitualmente descritas para as ânforas provenientes do sul da costa adriática (região de Brindisi-Apulia), na península Itálica, idêntica à descrita por Peacock e Williams para a classe 8 (1986, p. 100-101) e identificada pela sigla L2A (Marquez Villora e Molina Vidal, 2005, p. 115). Trata-se de uma argila de tonalidade bege amarelada bastante compacta com abundantes inclusões de reduzida dimensão difíceis de identificar macroscopicamente. Entre as inclusões, os mais característicos são os nódulos ferruginosos alaranjados de diferentes dimensões (entre 0.5 a 2 mm) com distribuição irregular.

Um exemplar de uma Lamb. 2 de Faro (MF68351 não ilustrado) escapa à descrição anterior e foi integrada no fabrico **ital4**. Apresenta uma pasta clara, compacta, sem nódulos de ferro. Neste caso ainda se conservam alguns vestígios do que seria o engobe de tonalidade bege amarelado.

Fabricos da *Ulterior*/Bética

Entre os fabricos identificados como sendo originários da *Ulterior* e posteriormente a província da Bética um dos mais comuns corresponde ao fabrico **gadit1** que se relaciona com a área costeira ou região gaditana. Trata-se de uma pasta calcária de grão fino, de tonalidade bege a rosada. Este fabrico encontra-se descrito por Peacock e Williams para as produções da Classe 16 (1986, p. 119). Este é o fabrico típico no qual se produziram a maioria das peças das formas Mañá C2b e Castro Marim 1 do período romano republicano e que seguem a tradição púnica ou das ânforas que seguem modelos ditos romanos como a Dressel 1. No período Alto Imperial este foi o fabrico maioritário das ânforas das formas Dressel 7/11, Beltrán IIa e IIb. Foi igualmente neste fabrico que se produziram a maior parte das ânforas identificadas com a forma Almagro 50/ Keay XVI, já do período Baixo imperial.

O fabrico **gadit2** apresenta bastantes semelhanças relativamente ao anterior mas com maior quantidade de inclusões arenosas de maior dimensão. Estas características, de uma pasta mais arenosa, tornam-na necessariamente mais esponjosa e menos compacta que a anterior. Trata-se, neste caso, muito provavelmente, de produções do baixo vale do Guadalquivir, frequentemente atribuídas à região de Las Marismas. Encontra-se em parte importante dos exemplares de ânforas do tipo Castro Marim 1. A sobrecosedura de alguns exemplares transformaram a sua tonalidade que habitualmente é bege, num cinzento esverdeado.

Esta pasta, com bastantes inclusões arenosas, característica das argilas sedimentares do vale do Guadalquivir encontra-se igualmente num exemplar de Mañá C2, cuja origem atribuímos muito possivelmente de Las Marismas. O único exemplar de Dressel 28 identificado em Balsa (nº **804**) possui esta pasta arenosa que se pode ainda associar às produções de Sevilha .

Entre os exemplares da forma Castro Marim 1 identificou-se um fabrico que julgamos corresponder a uma pasta não calcária, de tonalidade laranja avermelhada fina que designámos fabrico **gadit3**. A cozedura, tal como nos restantes fabricos gaditanos foi realizada em modo A, mas com oxidação da câmara de combustão irregular pois frequentemente o cerne das fracturas possui tonalidade acinzentada. Este fabrico encontra-se representado por exemplares do tipo Castro Marim 1. Os exemplares produzidos neste fabrico possuem frequentemente revestimento argiloso (aguada ou engobe) de tonalidade bege claro, embora este não seja visível na totalidade as peças desta variante. Julgamos que se trata de uma região da área gaditana, tal como as anteriores.

Entre os exemplares balsenses de ânforas do tipo Almagro 51ab identificámos um conjunto de peças que julgamos poder atribuir às produções da costa de Málaga (nº **863**, **864** e **865**). Trata-se do fabrico **mal1** com pasta rosadas e compactas e as inclusões de xisto castanho típico destas produções.

Entre os fabricos que fabricos que se atribuem ao vale do Guadalquivir distinguiram-se apenas duas realidades. O fabrico **guad1** corresponde ao típico fabrico das produção do vale Médio e Alto Guadalquivir habitual nas ânforas da Classe 67, Haltern 71, Dressel 20, Haltern 70 (Peacock e Williams, 1986, p. 116).

Além do fabrico anterior, entre as produções tardias da Dressel 23 identificou-se o fabrico **guad2** que apresentam pastas idênticas à das africanas. Como destacou P. Berni Millet “Las paredes de las ánforas son más delgadas, y cuando presentan tonos rojizos son, a simple vista, de cierta similitud a algunas producciones norteafricanas” (Berni, 1998, p. 61). Trata-se de uma pasta compacta avermelhada com inúmeras inclusões de dimensão reduzida e um engobe bege amarelado fino.

Fabrico da Gália

O fabrico **gal1** caracteriza-se por uma pasta fina bege rosada com inclusões de calcite e raras micas. Este fabrico encontra-se entre os exemplares de ânforas do tipo Gauloise 4, estando descrito para os exemplares da Classe 27 de Peacock e Williams (1986, p. 143).

Fabrico da Tarraconense

O único exemplar do tipo Pascual 1 (nº 1415) possui uma pasta bege escura compacta com inclusões de micas douradas, idêntica à descrita por Peacock e Williams (1986, p. 94) e por Marquéz Villora e Molina Vidal (2005, p. 119). Designou-se como fabrico **tarr1**.

Fabricos norte africanos

Entre os fabrico norte africanos encontra-se o que julgamos poder atribuir á região da Tripolitania. Trata-se do fabrico **afric1**, presente nas ânforas do tipo Tripolitana antiga e Mañá C2a. Possui uma pasta vermelha alaranjada de textura média e engobe branco.

Ainda no período republicano distingue-se o fabrico norte africano que caracteriza as ânforas do tipo Mañá C2b (fabrico **afric2**). Apresenta uma pasta laranja compacta com raras inclusões de partículas brancas finas (calcário ?). A superfície exterior é frequentemente revestida com engobe bege amarelado.

Remetemos a descrição dos fabricos norte africanos, tunisinos, para o recente trabalho de M. Bonifay, no qual o autor sistematiza os dados existentes acerca dos centros produtores da actual Tunísia (Bonifay, 2004a, p. 22- 41 e p. 523).

Assim, julgamos ter podido distinguir as produções de **Salakta-Catacombes**, nas suas duas variantes, cuja descrição e caracterização foi recentemente sintetizada por M. Bonifay (2004a) e preferimos transcrever as suas palavras. Trata-se de uma pasta que pode ocorrer em duas qualidades muito próximas “(...) – pâte A: section bicolore rouge et gris, constellée de petites inclusions blanches (calcaire et micro-fossiles), surface généralement grise, rugueuse (...). – pâte B: section orange saumon, petites inclusions blanches moins nombreuses ou moins visibles, surface brun orangé, rugueuse (...)” (Bonifay, 2004a, p. 33).

Outra área produtora que pode ter abastecido o Algarve romano corresponde às oficinas de **Leptiminus**. Segundo M. Bonifay “La pâte de ces amphores, de couleur marron sur les exemplaires précoces, jaune orangé sur les exemplaires plus tardifs, se distingue par son caractère extrêmement granuleux (...). De fait, les analyses pétrographiques font apparaître un dégraissant plutôt abondant où le quartz fréquemment arrondi prévaut sur les calcaires et les micro-fossiles (Capelli, 2002-2003)”(Bonifay, 2004a, p. 35).

A descrição das pastas da produção das oficinas existentes nos arredores de Nabeul (Neapolis), localizadas em **Sidi Zahrani** é igualmente compatível com exemplares de ânforas norte africanas recolhidas quer em Faro, quer em *Balsa*. Segundo a descrição de Bonifay, que transcrevemos “La pâte de ces amphores est orangé à rouge brique, avec quelques inclusions blanches ou jaunes, parfois des stries de même couleur et de rares inclusions anguleuses rouge-violet (...). On a déjà mentionné la présence, apparue en lame mince, d’incusions ferriques et surtout de minéraux de grès quartzeux qui semblent caractéristiques de l’argile de cet atelier (...). La surface extérieur présente un éclaircissement blanc jaunâtre, parfois nuancé d’orange ou de brun-violet en correspondance avec certains coups d’estèque verticaux ; l’intérieur est orange, souvent zébré de bandes plus ou moins blanches parallèles au tournage” (Bonifay, 2004a, p. 39).

Produções locais/regionais - Lusitanas

Fabrico lus1- Incluíram-se neste fabrico peças que apresentam características que consideramos idênticas às dos fabricos algarvios como as descritas para as ânforas originárias da Manta Rota (fabrico 1) (Viegas, 2006b). Trata-se de uma pasta mais compacta e com maior quantidade de inclusões de menores dimensões. Encontram-se neste grupo algumas Dressel 14 (nº **846 a 848**), Almagro 51ab (nº **897, 898, 901, 902**) e Almagro 51c nº **903**, de Balsa.

O fabrico **lus2** possui uma pasta mais arenosa, com maior quantidade de inclusões visíveis na superfície da peça. Encontra-se representada em duas Dressel 14 de Balsa (nº **844 e 842**). No primeiro caso (nº **844**) trata-se de uma forma de bordo próximo da Haltern 70 em que se apresenta com inúmeras inclusões de dimensão reduzida/média constituídas sobretudo por grãos de quartzos arredondados, transparentes e brancos, feldspatos-branco opaco com ângulo, bem visíveis à superfície. Os nódulos de ferro são raros e a cor da pasta encontra-se entre o rosado e o acastanhado. A superfície exterior possui um alisamento simples com aguada de tom ligeiramente mais claro que a pasta. Na peça nº **842** encontram-se igualmente um elevado número de inclusões de quartzos bem rolados em grande quantidade, raros nódulos de ferro, sendo neste caso a pasta laranja viva com superfície exterior alisada e tonalidades laranja como a pasta e manchas violeta. Incluem-se igualmente neste grupo os exemplares nº **893 e 895 e 897** da forma Almagro 51 ab, neste último caso apresentando raras inclusões de grandes dimensões de quartzo rolado branco de cerca de 3 mm e nódulos de ferro também de dimensões consideráveis.

No **fabrico lus3** incluiu-se um conjunto de peças que possui uma pasta de textura média, mais sobre o compacto com menor quantidade de inclusões que o fabrico anterior, de cor laranja mais clara e com uma maior quantidade de inclusões de nódulos de ferro de cor laranja. A superfície exterior apresenta uma aguada mais clara que a pasta e maior quantidade de micas que se assemelha às produções da Quinta do Rouxinol (alcochete), do vale do Tejo. Encontra-se um exemplo deste fabrico nas Dressel 14 nº **841 e 843** de Balsa. Neste último caso regista-se a particularidade de a asa possuir uma argila com maior quantidade de inclusões de quartzo do que o que se encontra no bordo. No topo deste bordo, em particular, também se observam areias, devido a peça ter sido colocada sobre o bordo no processo de secagem, aspecto que está documentado nos fornos do Sado.

Outros fabricos foram integrados no grupo de lusitanos atípicos, encontrando-se representados por apenas um ou dois exemplares.

O fabrico **lusatíp1** encontra-se representado na Almagro 51 c de Faro (nº **506**) e de Balsa (nº **904**). Trata-se duas peças sobrecozidas com pasta de teria sido laranja (o que se mantém apenas no interior) e que ficaram cinzento escuras, quase roxas e mantém o engobe amarelado. Apesar de se terem agrupado possuem algumas diferenças entre si. A peça nº **904** possui um fabrico mais compacto com inúmeras inclusões de quartzo, micas muito raras e partículas de calcite (?). A outra peça (nº **506**) passou pelo mesmo fenómeno de sobrecozedura mas tem uma textura mais esponjosa, com abundantes inclusões quartzo rolado, e sobretudo com uma quantidade considerável de inclusões de calcite que desapareceu devido à alta temperatura deixando vazio o espaço que preenchia anteriormente.

O fabrico **lusatíp2** encontra-se representado pela Almagro 51c de Balsa nº **906**. Trata-se de uma peça castanha escura com pasta fina e compacta com abundantes inclusões, visíveis e bastantes micas quer na pasta quer à superfície.

O fabrico **lusatíp3** possui uma pasta textura média /fina distingue-se das restantes pela quantidade de inclusões de dimensão considerável constituídas por partículas de diversas formas, mais angulosas ou mais arredondadas ou sobre o comprido, castanhas escuras e castanhas alaranjadas muito compactas, além das inclusões mais comuns de quartzo. Um exemplar da forma Almagro 51c de Balsa (TA.2004.224.11 não ilustrada).

O **fabrico lusatíp4** possui uma tonalidade mais rosada com inclusões castanhas. Trata-se de uma pasta compacta que se encontra representada pela peça TA.2004.346.2 (não ilustrada).

Anexo 4 - Descrição dos fabricos de cerâmica campaniense

Descrevem-se os fabricos de cerâmica campaniense presentes nos sítios algarvios estudados (Faro e Castro Marim) com base na observação macroscópica realizada com o auxílio de lupa de 10/15 aumentos. Pelas características que apresenta, a identificação da cerâmica campaniense A não levanta muitas questões. O mesmo não se pode dizer das produções B etruscas e de Cales, cuja identificação se fez com maior dificuldade e que deverá, no futuro, ser confirmada através de análises químicas. As características das pastas destas duas produções são, na maior parte dos casos, muito idênticas e a distinção entre as verdadeiras B e as produções de Cales fez-se tendo sobretudo em conta a qualidade do verniz. A presença ou não de brilho metalizado pode ser um factor importante na distinção entre as produções B da Etrúria ou do Norte da Câmpania, mas sabe-se que outros factores podem influenciar igualmente o aspecto dos vernizes. Referimo-nos por exemplo ao desgaste das peças na sua utilização, assim como às condições pós-depositivas que são responsáveis pela degradação e estado de conservação dos vernizes.

Como vimos *supra*, os estudos de M. Picon, em 1971 (p. 82 – 88), e, mais tarde, em parceria com J.-P. Morel (1994, p. 23-46) demonstraram que a diferente coloração das pastas resulta, por um lado da maior ou menor percentagem de calcário presente nas argilas e também das condições de cozedura. Como consequência, a campaniense A, que detem uma menor proporção de calcário, apresenta uma tonalidade rosada e a cerâmica campaniense B (seja etrusca ou calena) ostenta, por seu turno, uma coloração bege. No processo de cozedura, estas campanienses seguem o modo A, portanto com uma cozedura em ambiente dominante redutor e um arrefecimento oxidante (Morel e Picon, 1994, p. 44-45). As campanienses C e restantes produções de pasta cinzenta, além de não apresentarem um verniz, mas sim um engobe argiloso, são produzidas segundo técnicas mais rudimentares, sendo a cozedura realizada em Modo B (cozedura dominante redutora e arrefecimento igualmente em ambiente redutor) (Morel e Picon, 1994, 44-45).

Cerâmica campaniense A

Nesta categoria, integra-se o conjunto de produções que possui as características geralmente descritas para este fabrico. A pasta é fina e depurada, embora em alguns exemplares se possam observar raras inclusões finas brancas e vácuolos alongados. O verniz negro apresenta-se em diversos estados de conservação consoante os exemplares, sendo, nas peças melhor conservadas homogéneo, com reflexos metálicos acinzentados. Apesar de

alguma variedade registada nas pastas e vernizes, não se criaram variantes dentro desta categoria por se reconhecer que diferentes tonalidades poderão corresponder a diferentes condições de cozedura ou mesmo diferentes oficinas dentro da mesma área produtora que é genericamente identificada na Campânia.

Alguns exemplares da forma Lamb. 31 apresentam vestígios do que terá sido uma linha de pintura branca, na superfície interna. A decoração estampilhada no fundo interno pode também encontrar-se muito raramente, sendo mais comuns os círculos concêntricos.

Campaniense B da Etrúria

A dificuldade em identificar peças que correspondam ao que Morel designou por “verdadeira B” resulta, por um lado da sua raridade, e, por outro, do estado de conservação das peças. Trata-se de uma identificação que tem sobretudo por base o aspecto do verniz, que se apresenta espesso, de cor negra, homogéneo e com um brilho mate, sem que seja possível observar quaisquer reflexos. A pasta é bege, fina e depurada, sem inclusões visíveis macroscopicamente.

Campaniense B de Cales

Atribuiu-se a este fabrico um conjunto de peças que apresentam as características que têm sido descritas na Bibliografia de referência e apontam para uma pasta bege amarelada, por vezes com o núcleo mais alaranjado, dura e compacta. Nem sempre é possível observar as inclusões que, quando são visíveis, são formadas por reduzidas partículas de cal e micas. Aparentemente o aspecto do verniz será o elemento que melhor permite distinguir estas produções pois apresenta-se negro com brilho metalizado (devido à irisão), podendo adquirir diversas tonalidades azuladas, esverdeadas, acastanhadas etc. No entanto, para uma correcta distinção relativamente às produções etruscas seria aconselhável a realização de análises laboratoriais.

Outras características podem completar esta atribuição. Nesta produção, registam-se, frequentemente, estrias resultantes do alisamento da peça ao torno que são visíveis mesmo após esta ter recebido o verniz. Este encontra-se ausente do fundo externo de parte importante das peças, sendo aplicado por imersão, observando-se as dedadas da mão do oleiro.

Mais rara, mas igualmente digna de nota, é a decoração com estampilhas com o motivo do losango com círculo central, que constitui um elemento muito útil na identificação deste tipo de materiais.

Campaniense de pasta cinzenta

Sob esta designação colocou-se um conjunto de produções de pasta cinzenta fina, com formas que se inspiram na cerâmica campaniense, sobretudo do séc. I. Possuem em comum o facto de terem sido sujeitas a uma cozedura redutora, daí a coloração cinzenta da pasta e apresentam um revestimento com engobe, de maior ou menor espessura, negro ou acinzentado. Não parece ter existido revestimento de verniz, nestas peças, tratando-se de um grupo algo heterogéneo. As principais diferenças que se registam dizem respeito ao revestimento das peças que pode ter sido polido ou brunido ou simplesmente alisado. A pasta é de cor cinzenta claro (Munsel 2.5Y 6/1), fina, depurada e compacta e dificilmente se conseguem observar as características das suas inclusões. Quando são visíveis, estas são constituídas por finas partículas de mica. A coloração do engobe cobre uma gama de tonalidades entre o cinzento (Munsel 2.5Y 4/1) e o negro (Munsel 2.5Y 2.5/1), podendo adquirir também um aspecto cinzento esverdeado/acastanhado (Munsel 2.5Y 4/2).